

## **Biblioteca Digital Curt Nimuendaju**

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Borba, Telemaco M. 1904. Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná. *Revista do Museu Paulista*, vol. VI, pp. 53-62. São Paulo: Typographia do Diário Oficial.

Permalink: [http://biblio.etnolinguistica.org/borba\\_1904\\_observacoes](http://biblio.etnolinguistica.org/borba_1904_observacoes)

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para fins de pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

O presente artigo foi extraído de volume digitalizado pelo Google Books (<http://books.google.com>) e incluído na Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em junho de 2008.

4 Yoo Paulo

# REVISTA

DO

# MUSEU PAULISTA

PUBLICADA

POR

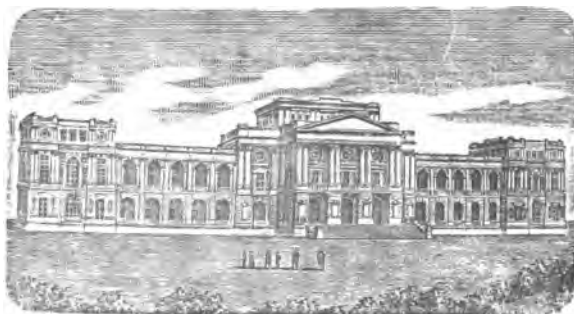
H. von IHERING, Dr. med. et phil.

Director do Museu Paulista, socio honorario da Sociedade Anthropologica Italiana, da Academia de Sciencias em Cordoba, da Sociedade Geographica de Bremen, da Sociedade Anthropologica de Berlim, da Academia de Sciencias de Philadelphia, da Sociedade de Naturalistas de Moscow, da Sociedade Entomologica de Berlim, da Sociedade Scientifica do Chile, da Sociedade Senckenberg dos Naturalistas de Frankfurt, a. M., da Sociedade Scientifica Argentina, da Sociedade Zoologica de Londres, da União Ornithologica de Londres, da União dos Ornithologos Americanos, da Sociedade Nacional de Agricultura, do Instituto Archeologico de Pernambuco, do Instituto Geographico e Historico da Bahia, etc.

=====

VOLUME VI

=====



SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIÁRIO OFFICIAL»

1904

## Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná

POR

TELEMACO M. BORBA

EM TIBAGY.

---

Lendo na *Revista do Museu*, volume I, o artigo do Sr. Dr. H. von Ihering, sobre os «Coroados», junto envio à Redacção dessa *Revista* uma lenda sobre a origem delles. Recommendo tambem a leitura de um pequeno escripto meu sobre estes selvagens, publicado no Tomo II da *Revista* mensal da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Brazil, em 1883.

O pouco que tenho escripto sobre os selvagens do Paraná, não é phantasia, mas sim ouvido e observado dos proprios selvagens, entre os quaes vivi por espaço de mais de vinte annos.

Um exemplo da veracidade da opinião do Sr. Dr. H. von Ihering, sobre a confusão que existe na denominação de tribus, de uma mesma nação, com nomes differentes é o seguinte :

Martius e S.<sup>o</sup> Hilaire, tratando dos «Coroados», denominam-os de «Camés»; outros de Bugres, de Coroados ou de Tupys.

O primeiro que deu-lhes o verdadeiro e generico nome de *Kaingangues* penso que fui eu.

Os que aldearam no Jatahy chamam-se «Kaingangue-pê», isto é, Kaingangues legitimos, verdadeiros; mas, entre elles distinguem-se em Camés, Cayurucrés e Kaingangues. Os que habitam nas immediações de Guarapuava e Palmas chamam-se Camés. Os da zona comprehendida entre os rios Piquiri e Iguassú, Xocrés, e os da margem direita do Paranapanema «Nhakfá-teitei». Entretanto, falam todos a mesma lingua, usam as mesmas armas e utensilios e têm os mesmos costumes.

Parece-me que o Sr. Ewerton Quadros não observou bem os «Cayguás»; desculpe escrever assim, mas é como elles se denominam; esses indios não têm os olhos bridados, são robustos, laboriosos e mais leaes que os Corôados. Não têm nada do typo mongolico; homens e mulheres andam todos vestidos; os homens usam uma tanga, a que chamam -xeripá e as mulheres uma especie de camisa sem mangas—tipoi; tudo de algodão fiado e tecido por ellas; os homens furam o labio inferior onde trazem o tembetá; as mulheres não. Não são anthropophagos e falam o Guarany.

O systema de numeração é quinquenal e não septenal; não têm signaes para exprimir os numeros, mas dizem: «Pete.n para exprimir - 1; Mocoen, 2; Boapy, 3; Iruady, 4; Tineruim, 5. Depois usam Tenhová, para 6; Mocoêova, para 7; Bcapyová, 8; Irundyová, 9; Tineruin-ová para 10».

Parece-me tambem que o Sr. Capistrano de Abreu, labora em erro, quando contesta a opinião do Dr. von Ihering sobre a nacionalidade dos *Guayanãs*, a extensão da zona por elles habitada ou percorrida, e quando considera os «Corôados» descendentes delles:

1.º porque a zona litoral do Paraná é exigua por demais para abrigar e alimentar uma horda grande, como devia ser a Guayanã, e que como todas, ou quasi todas, viviam só dos productos que a natureza lhes offerecia;

2.º A prova de que eram da Nação Guarany ou Tupy e de que habitavam quasi a totalidade do Estado do Paraná, ahí está nos nomes dos rios, arroyos e localidades que deixaram e que são, com excepção apenas de 4 ou 6 na Comarca de Palmas, fronteira do Rio Grande, Guarany.

Vou citar alguns, partindo do litoral para o centro : Paranaguá, Itiberê, Emboguassú, Itupava, no litoral ; Ypiranga, Piraquara, Bracajovava, Tinbu, Bacaxiri, Cangeren, Atuba, Curytiba, Iguassú, Barigüi, e outros no planalto de Curytiba ; Itaqüi, Purunau, Butucuára, Caniü, Cambijü, Tibagy, Pitanguy, Carambey, Yapó, Pirahy, Conhapoxan, Jaguarycatü, Ivahy, Imbituva e outros no planalto dos Campos Geraes ; Guarapuava, Piquiri no de Guarapuava, todos Guarany.

Nomes de rios e localidades na lingua dos «Coroados», existem apenas nas comarcas de Palmas e Guarapuava, e são que eu saiba Goyoen, Chapecó, Chupiu, Xanxêrê, Campêrê, Xagü e Candói. Si os Guayanás fossem ascendentes dos Coroados e não Guarany, deveriam nos nomes das localidades que habitavam e percorriam, ter deixado vestigios da lingua que falavam, como os que existem na Comarca de Palmas, na dos «Coroados». Eram por consequencia Guarany os Guayanás.

Os Arés são conhecidos no Oeste deste Estado (margens do Ivahy) pela denominação de Botucudos ;— são selvagens de indole pacifica, completamente agregados ao convivio de outras tribus ; não tem agricultura ; vivem exclusivamente da caça, péscas e fructas silvestres ; ainda hoje seus instrumentos cortantes são de pedra e de osso.

Elles proprios, quando consegui relações, me contaram que o nome de sua tribu é «Aré». Para mim não ha duvida que estes selvagens, tanto pelos caracteres physicos, como pelos linguisticos, são de raça Guarany.

Coroados é que elles não são nem nos costumes nem



Tembetá de Aré

na lingua. Usam os homens, no labio inferior, um tembetá de osso ou de nó de pinho da fôrma do desenho junto.

A. é collocado transversalmente no labio inferior. b entra em a, que não traspassa a peça roliça e firma-se neste encaixe pela humidade em contacto com os labios.

Desenhado pelo sr. Hugo Nickol, A tamanho natural; B, 1/2 tamanho natural.

O nome da Saracura em Aré e Guarany é Saracú; na dos Coroados é Pet-faug. O sapacurú tem o mesmo nome tanto em Guarany como em Aré; não me recordo do nome que lhe dão os «Coroados». Os Tembetás (*embé*, beijo, labio; *età*, grande, muito) dos «Cayguas», feitos da resina do Jatahy ou jabotá, são brancos e transparentes; fabricam-nos tambem da resina de uma arvore chamada Guassatunga, mas, os mais communs, são amarellos tambem transparentes, mas todos muito frageis.

Junto a estas considerações algumas palavras dos Arés, que extrahi de uma velha caderneta, onde tinha-as notado ouvindo-as de um Aré. Não conheço os Ingains de Ambrosetti, mas, conheci o cacique Maidana.

### Vocabulario dos Arés

Anta . . . . .	Tapi.	Lenha . . . . .	Japeá.
Amigo . . . . .	Quiê.	Lontra . . . . .	Miraca.
Agua . . . . .	If.	Mãe . . . . .	Ahi.
Arés . . . . .	Tapá.	Macaco . . . . .	Caiqui.
Arsar . . . . .	Ixá.	Machado de pedra.	Gêitá.
Amarello. . . . .	Ijú.	Matar . . . . .	Tinopá.
Arara. . . . .	Guacá.	Morreu . . . . .	Manô.
Anus . . . . .	Abicuá.	Minha . . . . .	Xeruy.
Bom . . . . .	Avixá.	Milho. . . . .	Abaxi.
Braço . . . . .	Giné.	Porco do matto .	Taiassú..
Branco . . . . .	Tin.	Pai . . . . .	Ru.
Bugio. . . . .	Anané.	Pedra. . . . .	Itá.
Cabeça . . . . .	Acau.	Pelle . . . . .	Ipiré.
Cobra. . . . .	Boy.	Peixe . . . . .	Pirá.
Comprido, longo .	Gaê.	Preto. . . . .	Hom.
Conversar . . . .	Nhomon-	Pato. . . . .	Iú.
	guetá	Ruim . . . . .	Irahi.
Coirer . . . . .	Moniá.	Sogra . . . . .	Aicapú.
Cunhado. . . . .	Aváim.	Sogro . . . . .	Arajá.
Feijão . . . . .	Camandá.	Tigre . . . . .	Jaguá
Fogo . . . . .	Tatá.	Tateto. (Dyc. tor-	Xêtêtu
Fumo, tabaco, ci-	Abijú.	quatus) . . . .	
garro . . . . .		Terra. . . . .	Eny.
Grande . . . . .	Avixá.	Veado . . . . .	Guaxú.
Jacutinga . . . .	Jacutin.	Venha . . . . .	Ejô
Jocúcaca. . . . .	Jacucá.	Vermelho . . . .	Morápiram.

### Lenda ou mytho dos Indios Cayngangs.

Em tempos idos, houve uma grande inundação que foi submergindo toda a terra habitada por nossos antepassados.

Só o cume da serra *Crinjijinbé* emergia das aguas. Os *Cayngangs*, *Cayurucrês* e *Camês* nadavam em direcção a ella levando na bocca achas de lenha incendidas.

Os *Cayurucrês* e *Camês*, cansados, afogaram-se; suas almas foram morar no centro da serra.

Os *Cayngangs* e alguns poucos *Curutons*, (1) alcançaram a custo o cume de *Crinjijinbé*, onde ficaram, uns no sólo e outros, por exiguidade de local, seguros aos galhos das arvores, e alli passaram alguns

(1) Estes *Curutons* são os *Arés* da Lenda seguinte. Fallam o Guarany, um pouco corrompido.

dias sem que as aguas baixassem e sem comer ; já esperavam morrer quando ouviram o canto das saracúras, que vinham carregando terra em cestos, lançando-a á agua que se retirava lentamente.

Gritaram elles ás saracúras que se apressassem, e estas assim o fizeram, ajudando tambem o canto e convidando os patos a auxiliar-as.

Em pouco tempo chegaram com a terra ao cume, formando como que um assude, por onde sahiram os *Cayngans* que estavam em terra ; os que estavam seguros aos galhos das arvores transformaram-se em *Macacos* e os *Curutons* em *Bugios*.

As saracuras vieram com o seu trabalho, do lado donde o sol nasce, porisso nossas aguas correm todas ao poente e vão ao grande Paraná.

Depois que as aguas seccaram os *Cayngangues* estabeleceram-se nas immedições de *Crinjijinbê*. Os *Cayurucrés* e *Camés*, cujas almas tinham ido morar no centro da serra, principiaram a abrir caminhos pelo interior della ; depois de muito trabalho chegaram a sahir por duas veredas : pela aberta por *Cayurucré* brotou um lindo arroio e era toda plana e sem pedras, dahi vem terem elles conservado os pés pequenos ; outro tanto não aconteceu a *Camé* que abriu sua vereda por terreno pedregozo, machucando elle, e os seus, os pés que incharam na marcha, conservando-os porisso grandes até hoje. Pelo caminho que abriram não brotou agua e, pela sêde, tiveram de pedil-a a *Cayurucré*, que consentiu que a bebessem quanta necessitassem.

Quando sahiram da serra mandaram os *Curutons* para trazer os cestos e cabaças que tinham deixado em baixo ; estes, por preguiça de tornar a subir, ficaram ali e nunca mais se reuniram aos *Cayngans* : por esta razão nós quando os encontramos os pegamos como nossos escravos fugidos que são.

Na noite posterior á sahida da serra, atearam fogo e com a cinza e carvão fizeram *Tigres (Ming)*, e disseram a elles—vão comer gente e caça—e os Tigres foram-se rugindo. Como não tinham mais carvão para



pintar, só com cinza fizeram as *Antas* (*Oyoro*), e disseram-lhes—vão comer caça—, estas, porém, não tinham sahido com os ouvidos perfeitos, e por esse motivo não ouviram a ordem e perguntaram de novo o que devia n fazer; *Cayurucrê*, que já fazia outro animal, disse-lhes, gritando e com mau modo—vão comer folhas e ramos de arvores—; desta vez, ellas ouvindo se foram: eis a razão porque as *Antas* só comem folhas, ramos de arvores e fructas.

*Cayurucrê*, estava fazendo outro animal; faltava ainda a este, os dentes, lingua e algumas unhas, quando principiou a amanhecer, e, como de dia elle não tinha poder para fazel-os, pôz-lhe ás pressas uma varinha fina na bocca e disse-lhe—você como não tem dentes viva comendo formigas—: eis o motivo porque o *Tamandua* (*Iôti*) é um animal inacabado e imperfeito.

Na noite seguinte continuou e fel-os muitos entre elles as abelhas boas. Ao tempo que *Cayurucrê* fazia estes animaes, *Camé* tambem fazia outros para os combater: fez os Leões americanos, as cobras venenosas e as vespas.

Depois deste trabalho marcharam a reunir-se aos *Cayngans*, mas viram que os Tigres eram máus e comiam muita gente, então, na passagem de um rio fundo, fizeram uma ponte de um tronco de arvore e, depois de todos passarem, *Cayurucrê* disse a um dos *Camés* que quando os Tigres estivessem na ponte puchasse esta com força, afim de que elles cahissem n'agua e morressem. Assim o fez o de *Camé*; mas, dos Tigres uns cahiram á agua e mergulharam, outros saltaram ao barranco e seguraram-se com as unhas; o de *Camé* quiz atiral-os de novo ao rio, mas como os Tigres rugiam e mostravam os dentes, tomou-se de medo e deixou-os sahir: eis porque existem Tigres em terra e nas aguas.

Chegaram a um campo grande, reuniram-se aos *Cayngans* e deliberaram casar os moços e as moças. Casaram primeiro os *Cayurucrês* com as filhas de *Camés*, estes com as daquelles, e como ainda sobraram homens, casaram-n'os com as mulheres dos *Cayngans*. Dahi vem o motivo porque *Cayurucrês*, *Camés* e *Cayngans* são parentes e amigos.

Quizeram, então, fazer festas, mas não sabiam cantar, nem dansar. Um dia, companheiros de *Cayurucré*, que andavam caçando, ao sahir na clareira de um bosque, viram junto ao tronco de uma grande arvore um pequeno limpado; encostadas a esse tronco algumas varinhas com folhas e uma dellas com uma cabaça enfiada na ponta: retiraram-se e deram parte a *Cayurucré* e este deliberou ir no dia seguinte verificar o que seria. Dirigiu-se com precaução á clareira, escondendo-se perto do tronco; dahi a pouco as pequenas varas principiaram a mover-se compassadamente debaixo para cima e uma voz debil a cantar assim — *Eminotim vé, é, é, é: Andô xô cá é vó a, ha, ha, ha*; e a pequena cabaça em movimento cadenciado produzia um som assim — *xii, xii, xii, xii...* *Cayurucré* aproximou-se do tronco; cessou, porém, repentinamente todo canto e movimento das varas, estas continuaram encostadas ao mesmo tronco. Procurou e nada mais vio que a terra muito limpa e pizada junto ao tronco. Retirou-se e voltou no dia seguinte com todos os companheiros; aproximaram-se cautelosamente do mesmo lugar e viram e ouviram o mesmo que no dia anterior: depois do primeiro canto a voz cantou este outro — *Dó camâm corojé, canambang, có iyongdá, emi no tim gire que matin... é que matin.*

Decoraram os cantos, aproximaram-se do tronco e só viram as varas; então carregaram estas, fizeram outras iguaes e prepararam-se á fazer uma grande festa. No dia desta *Cayurucré* abriu sua bocca e cantou os cantos que tinha ouvido na clareira, fazendo com a vara que tinha a cabaça e com o corpo os movimentos que tinha visto; seus companheiros o imitaram, e eis como aprendemos a cantar e a dansar sem saber quem fôra o mestre.

Passados tempos, *Cayurucré* encontrou no caminho um *Tamanduá-mirim* (*Kakrekin*) e levantou o bastão para matal-o. O Tamanduá ficou de pé, principiou a dansar e cantar os cantos que elle tinha aprendido na clareira; conheceu, então, *Cayurucré* que fôra elle o seu mestre de dansa. O Tamanduá pediu-lhe o seu bastão e depois de com elle dansar restituiu-lhe e

fallou «o filho que tua mulher traz no ventre é homem, e fica isto estabelecido entre nós, que quando tu, ou os teus encontrarem-se commigo e me entregarem os seus bastões e eu os tomar, e dansar com elles, é signal que tuas mulheres te darão filhos machos ; se eu os largar sem dansar serão femeas, os filhos».

*Cayurucré* voltou muito satisfeito, e nós quando encontramos o *Tamandua-mirim*, sempre renovamos a experiencia, que dá resultados quasi sempre certos. O *Tamandua-mirim* sabe outras muitas cousas que nós ignoramos, e nós pensamos que elles são as primeiras gentes, que por velhos tomaram a forma que hoje têm.

Contou-me esta lenda o *Cacique Arahxó*, que a ouviu da mãe da mãe de sua mãe, tendo esta ouvido-a de seus progenitores, bem como a historia da formação de sua tribu.

---

### Lenda ou mytho Aré

Em outros tempos houve uma chuva grande, que alagou as terras em que habitavamos. Um só dos nossos que ia nadando já muito cansado, vio a cópa de uma palmeira que emergia das aguas; acercou-se della, pegou em um ramo que, estando secco, quebrou-se e elle continuou a nadar amparado pelo ramo; ao anoitecer vio outra cópa de palmeira, acercou-se della e segurou em um ramo verde e por elle subio e accomodou-se nos galhos, e ali esteve por muitos dias soffrendo fome e frio; depois, os fructos da palmeira principiaram a amadurecer e elle foi comendo-os e alimentando-se delles. Em um dia, ouviu ac longe o canto do sapacurú (uma especie de ibis dos nossos rios), que a elle se aproximava. «Continúe firme ahi, eu vou trazer terra para você descer.» Dahi a pouco pousou sobre os galhos da palmeira, uma saracúra e vendo-o ali disse-lhe: «Perto daqui tem terra, porque não vai lá?—Não posso, estou muito fraco: si eu largar a palmeira com certeza morro.» Então a saracúra disse: «Eu vou bus-

car terra.» E ella e o sapacurú traziam terra nos bicos e a espalhavam pela agua, que seccava. Nos lugares que o sapacurú largava a terra, como seu bico era maior, ficava a terra elevada formando unontanhas. Antes dessa chuva a terra em que habitavamos era plana; e a agua desapareceu, e elle desceu da palmeira, e vivia dos fructos e raizes das arvores; mas estava só no meio dos outros animaes que não eram como elle. Um dia o sapacurú disse-lhe: «Porque você não vai procurar uma companheira? Na enseada grande da lagôa tem muitas. Faça uma jangada, entre nella que eu mando os patos te conduzirem aonde estão as moças das outras gentes.» E, na manhã seguinte, os patos levavam, a reboque, a jangada com elle dentro. Na beira da lagôa banhavam-se muitas moças; ellas viram a jangada, correram para a praia assustadas; uma dellas atirou-se á agua, e nadou para a jangada; ali chegando, elle a prendeu nos braços e os patos arrastaram a jangada para o pouso delle. As outras moças contaram a gente dellas o occorrido, e elles foram em perseguição dos fugitivos, mas não os poderam alcançar. Aré casou-se com a moça, tiveram filhos, mas quando encontramo-nos com as outras gentes sempre estas brigam connosco. Eis a razão porque vivemos separados e como perdidos nas mattas. Sós, nús, vivendo da caça que apanhamos em nossos laços e mundéos, não cultivamos nada para que não nos descubram os outros, e porque nos satisfazemos com os fructos da terra, o mate e o fumo que dá naturalmente em qualquer parte. Andamos nús, porque não sabemos fazer coberturas e, além disso, o clima daqui é quente e bom.

Assim concluiu sua narração, um indio, já de talvez uns 60 annos, alto, cheio de corpo, de ar tristonho, que vive como escravo dos Cayngans e por elles apriõnado ha quatro annos. Pertence á nação (quasi extincta) dos Arés, conhecidos por nós pela denominação de — *Botocudos* — pelo costume que têm de usarem um tembetá de nó de pinho ou osso, no labio inferior.